



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Memória religiosa e recordação a respeito de Frida Vingren como espaços de tensões no pentecostalismo brasileiro

*Religious memory and remembrance about Frida Vingren
as spaces of stresses in Brazilian Pentecostalism*

*Osiel Lourenço de Carvalho**

Doutorando em Ciências da Religião (UMESP)
Com o apoio da Capes

Resumo

O presente ensaio discute as implicações da memória no pentecostalismo brasileiro. Faremos isso a partir das ressignificações do passado referente aos fundadores das Assembleias de Deus, em especial Frida Vingren. A memória é uma construção social marcada por pontos de referência histórico-sociais. Para nossa análise seguiremos os teóricos da memória Halbwachs e Assmann. A memória religiosa está relacionada com a tradição, ou seja, tem a função de preservar e reproduzir as tradições religiosas de determinado grupo.

Palavras-chave

Memória religiosa. Recordação. Frida. Pentecostalismo. Tradição.

Abstract

This paper discusses the implications of memory in Brazilian Pentecostalism. We will take advantage of the reinterpretation of the past relating to the founding of the Assemblies of God, especially Frida Vingren. Memory is a social reference points marked by historical and social. For our analysis we will follow the theoretical memory Halbwachs and Assmann. The memory is related to religious tradition, ie, has the function of preserving and reproducing the religious traditions of a particular group.

Keywords

Religious memory. Remembrance. Frida. Pentecostalism. Tradition

Considerações Iniciais

Quando se fala nas origens das Assembleias de Deus, dois nomes são lembrados: os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Esses dois personagens subscrevem na memória coletiva do pentecostalismo como aqueles que iniciaram as Assembleias de Deus. A historiografia oficial da igreja faz questão de reforçar a figura de Berg e Gunnar como os

* Mestrado em Teologia pela EST. Doutorando em Ciências da Religião pela UMESp, São Bernardo do Campo, SP, Brasil. Bolsista CAPES e membro dos Grupos de Pesquisa Teologia no Plural e Paul Tillich. Contato: osiel_carvalho@yahoo.com.br

principais nomes do início da denominação. As recordações a respeito de Frida são quase inexistentes.

Daniel Berg e Gunnar Vingren se conheceram através do movimento pentecostal que fora iniciado por Charles Parham (Chicago) e William J. Seymour (Los Angeles). Depois da experiência do chamado batismo com o Espírito Santo, sentiram-se vocacionados à virem para o Brasil. Chegaram em Belém do Pará em 1910 e, apresentaram-se à igreja Batista. Como resultado de suas pregações com ênfase na doutrina do batismo com o Espírito Santo foram desligados junto com mais 18 pessoas.

Gunnar Vingren e Daniel Berg, sem nenhum apoio financeiro passaram a realizar cultos domésticos com as 18 pessoas e em junho de 1911 criam oficialmente a Missão da Fé Apostólica¹. No ano de 1914, Daniel Berg viajou para a Suécia e conseguiu fazer um acordo com o pastor Lewi Pethrus, que na época era o líder da igreja pentecostal Filadélfia², em Estocolmo. A partir desse acordo, Daniel Berg e Gunnar Vingren se tornaram missionários oficiais daquela igreja. Outros missionários suecos também foram enviados para o Brasil pela igreja Filadélfia, dentre eles a missionária Frida e o pastor Samuel Nystrom, que no futuro sucederia Gunnar Vingren na liderança da igreja em Belém.

A memória coletiva promove um sentido de identidade social ao grupo, com efeito, não somos senhores absolutos de nossas lembranças. Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou enfraquecer, mas também para completar, que sabemos de um evento do qual estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias ainda continuem obscuras.³

Memória religiosa e tradição

A memória é uma construção social marcada por pontos de referência histórico-sociais. Ela não deve ser entendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias. A memória também não é uma faculdade de classificar recordações numa “gaveta”, onde se guarda informações.⁴ Podemos falar de memória como “coisas pensadas”. Por causa dela podemos pensar em horizontes muito além de nosso nascimento e morte. A memória nos permite construir uma narrativa do passado e a partir daí construir narrativas e imagens dos outros e de nós mesmos.

A memória permite que os indivíduos se conheçam como uma entidade continua através do tempo, de modo que essa memória se fundamenta numa construção social a partir da comunicação com os outros. No que diz respeito à memória coletiva ela mantém

¹ Apenas em 1918 o movimento passou a se chamar Assembleia de Deus.

² A igreja Filadélfia em Estocolmo já foi considerada a maior igreja pentecostal do mundo.

³ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Campinas: Unicamp 1949.

⁴ BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 46.

assegurada a singularidade e a continuidade de um grupo; promove identidade (identidade aqui entendida uma como construção ativa e uma interpretação da própria história mediada discursivamente de modo político).

É também importante que discutamos a distinção entre memória e história. Segundo Nora,

Memória, história: não são sinônimos de modo algum; na verdade, como já sabemos, são opostos em todos os aspectos. A memória é sempre um fenômeno atual, uma construção vivida em um presente eterno, enquanto que a história é a representação do passado. A memória surge a partir de um grupo cuja conexão estimula. A história, por sua vez, pertence a todos e a ninguém, e por isso é designada como universal.⁵

Já outros autores preferem não estabelecerem essa polarização entre memória e história. “As ciências históricas, por sua vez, são uma memória de segunda ordem, uma memória das memórias, que acolhe em si aquilo que perdeu a relação vital com o presente”.⁶ Embora Assmann fale da história como uma memória de segunda ordem, ele não considera que ela estruture as identidades.

A recordação procede de forma também reconstrutiva, tendo em vista que ela sempre começa do presente e avança para um deslocamento, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação. Sendo assim, nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada em um repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação. Como já observamos, existe uma relação entre memória e identidade, mas podemos falar também de uma relação entre recordação e identidade, quando se recorda elementos da história (história não significa aqui simplesmente o estudo acadêmico do passado, mas sim uma consciência coletiva que se manteve viva ou foi revivificada, um passado recordado).

Esse vínculo entre recordação e identidade é caracterizado pela instabilidade e plasticidade das recordações, bem como da questão sobre as condições fundamentais de sua disponibilidade ou indisponibilidade. No que diz respeito a isso, os grupos podem fazer o uso político das recordações históricas, assim como aniquilar recordações que julgam serem perigosas. Como portadores da memória, do recordar e do esquecer eles decidem que lembranças são acessíveis para o indivíduo em um momento e quais delas permanecem inacessíveis. Desse modo o conflito das recordações deve ser entendido como uma luta pela interpretação da realidade

O passado recordado não é para ser confundido com o conhecimento geral desinteressado do passado que denominamos de história. Ele está sempre

⁵ NORA, Pierre. *Entre História e Memória*. Berlim: [s.n.], 1990, p. 12.

⁶ ASSMANN, Aleida. *Espaços de Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural*, São Paulo: Editora Unicamp, 2011. p. 144.

relacionado com os projetos identitários, com as interpretações do presente e as pretensões de validade. Assim a reflexão sobre recordação conduz ao cerne da reflexão sobre motivação política de formação da identidade.⁷

A memória religiosa esta relacionada com a tradição, ou seja, tem a função de preservar e reproduzir as tradições religiosas de determinado grupo. As tradições são o resultado de reconstruções geradas pela necessidade dos grupos religiosos do presente de conservarem sua identidade, que estaria fundamentada nas origens desse grupo. Com efeito, para o grupo religioso manter sua tradição é elemento essencial à sua sobrevivência. Sendo assim, a memória manteria essa tradição. Segundo Halbwachs, “Para os grupos religiosos é necessário manter a tradição e a identidade. Uma verdade para se fixar na memória de um grupo, deve se apresentar sob a forma concreta de um acontecimento, de uma figura, pessoa ou de um lugar ou acontecimento”.⁸

A memória religiosa “opera” como uma espécie de memória funcional que está vinculada a um portador que pode ser um grupo, uma instituição e até mesmo um indivíduo; se estabelece um elo entre passado, presente e futuro e procede de maneira seletiva, à medida que recorda uma coisa e esquece outra; intermedeia valores dos quais resultam um perfil indentitário e normas de ação. Condições de atribuição de sentido, parcialidade, criação identitária e seletividade.

A fim de que a memória possa desenvolver uma função orientadora, é preciso apropriar-se desses elementos do passado, selecioná-los segundo sua importância torná-los acessíveis e interpretá-los em determinado quadro de sentido. A memória funcional é seletiva e atualiza apenas um fragmento possível da recordação. Em razão do tempo, muitas coisas provisionadas nas despensas da experiência viva ficam de fora dessas histórias e jamais serão narradas e enunciadas. Ficam em estado amorfo, sem ordem nem contornos. A memória produz sentido, e o sentido estabiliza a memória. É sempre questão de construção, uma significação que se constrói posteriormente.

Na memória religiosa/funcional, quando se apropriam dela, resulta de um processo de seleção, associação, constituição de sentido do delineamento de molduras.⁹ Os elementos desprovidos de estrutura, desconexos, passam a integrar a memória funcional como se houvessem sido compostos, construídos, vinculados. Esse ato construtivo gera sentido.

Em 1960 a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) publicou a obra *História das Assembléias de Deus*; o autor foi Emílio Conde. Na década de 1980 essa obra foi reorganizada e reescrita pelo pastor assembleiano Abraão de Almeida. Em 1997, em razão das comemorações do Congresso Mundial Pentecostal, organizado pela AD brasileira, foi

⁷ ASSMANN, 2011, p. 9.

⁸ HALBWACHS, 1949, p. 42.

⁹ HALBWACHS, 1949, p. 59.

publicado mais uma *História das Assembléias de Deus*; cujo autor foi o pastor assembleiano Joanyr de Oliveira. Em 2011 foi publicado *Os 100 acontecimentos que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*; a publicação desse livro fez parte das comemorações dos centenário da denominação no Brasil. Em todas estas obras a figura de Frida Vingren é quase inexistente. O destaque maior é dado aos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg. Acredita-se que a biografia dos fundadores contribui para o estabelecimento da identidade do grupo, a vida do biografado é contada a partir da “filosofia da identidade que o sustenta”.¹⁰

Uma característica do grupo religioso é que ele precisa acreditar em sua estabilidade. Precisa se manter fiel às suas origens, à sua tradição. Qualquer mudança é mal recebida pelo grupo religioso porque ele é, por natureza, tradicional. Por isso precisa, no mínimo, manter a ilusão de que ele não muda enquanto tudo em torno dele muda. Mudança é entendida pelo grupo religioso como instabilidade. Mas, a não-mudança não é mais que uma ilusão, mas uma ilusão necessária.¹¹

Como se pode observar, a sociedade está em constante mutação, de modo que sem se adaptar às mudanças o grupo também não sobreviveria. Com efeito, a tradição e a adaptação mantêm a subsistência do grupo religioso. Portanto, a tradição e a reorganização da memória contribuem para que os grupos religiosos se mantenham vivos. Toda reorganização de identidade tem seu preço, que nesse caso corresponde à desaprovação. Reformulações de identidade sempre significam reorganização da memória.

Frida Vingren

Um dos cerne da memória cultural é a memorização dos mortos. Os grupos e as famílias devem guardar na memória os nomes de seus mortos e eventualmente passa-los às gerações futuras. A memorização religiosa dos mortos depende da recordação dos vivos. “A piedade da memória dos mortos responde a um tabu cultural universal: os mortos devem ser sepultados e levados ao repouso, pois de outra forma eles vão incomodar o descanso dos vivos e por em perigo a vida da sociedade”.¹²

Frida Mari Strandberg Vingren nasceu em 09 de junho de 1891 em Sjalevad, região norte da Suécia. Seus pais, Jonas Strandberg e Kristina Sumdelin eram membros da igreja Luterana, todavia, na juventude Frida foi para a igreja Filadélfia de Estocolmo. Nessa

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. in FERREIRA, M e AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.188.

¹¹ RIVERA, Dario Paulo Barrera. Religião e Tradição a Partir da Sociologia da Memória De Maurice Halbwachs. *Revista Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião: Juiz de Fora*, v 3, n.1, p. 69-94, 2000. p. 89. Disponível em: <<http://ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/864/749>>. Acesso em: 20 out. 2013.

¹² ASSMANN, 2011, p. 42.

mesma cidade, trabalhou como enfermeira-chefe de um hospital, tendo em vista que possuía formação universitária no curso de enfermagem. Além de enfermeira, ela também se dedicava à fotografia. Paralelamente à sua profissão, nutria o desejo de se tornar missionária no Brasil. Frida comunicou esse desejo ao pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo, Lewi Pethrus, de modo que Frida ingressou num curso bíblico na cidade sueca de Gotabro.

Entre os anos de 1915 e 1917, Gunnar Vingren esteve na Suécia, pois nesse período sua saúde estava debilitada em razão dos cinco anos de trabalho missionário no Pará. Nessa ocasião, Frida e Gunnar se conheceram e se tornam amigos muito próximos. De acordo com Araújo,

Antes de retornar dos Estados Unidos e da Suécia, onde esteve entre os anos de 1915 e 1917, recuperando as forças, após os primeiros cinco anos de atividades no Brasil, Vingren encontrou-se com Frida. Na Suécia, por diversas vezes, os dois oraram juntos, na residência da família Vaster Lund e na casa de Lewi Pethrus.¹³

Em maio de 1917 o jornal sueco *Evangelii Harold* fez uma matéria informativa a respeito de Frida Vingren, na qual destacou que ela seria enviada ao Brasil para ser uma *Bibelkvinna*, que traduzido quer dizer “professora de Bíblia”. Com efeito, em 12 de junho de 1917, a bordo do navio *Bergensfjord*, Frida viajou sozinha rumo ao Brasil, mas antes parou em Nova York a fim de se encontrar com Gunnar, o qual estava à sua espera. No dia 21 de junho, Frida então embarcou mais uma vez sozinha no navio por nome Rio de Janeiro e desembarcou no Pará no dia 14 de julho. Gunnar Vingren só retornou ao Brasil no mês seguinte, de modo que se casaram em 16 de outubro de 1917. Na ocasião, Gunnar estava com 38 anos e Frida com 26. Da união nasceram os filhos Ivar, Rubem, Margit, Astrid, Bertil e Gunvor, sendo que este último faleceu no Rio de Janeiro, vítima de crupe em 1932.

No mês de março de 1920, Frida contraiu malária e, como resultado teve muitas febres; nesse período ficou aproximadamente dois meses e meio entre a vida e a morte, mas teve a saúde reestabelecida em junho de 1920. De igual modo, Gunnar Vingren contraiu várias vezes malária e por esse motivo a família Vingren decidiu passar um período na Suécia. Entretanto, em fevereiro de 1923 regressaram ao Brasil.

Depois de sete anos em Belém, a família decidiu ir para o Rio de Janeiro, onde desembarcou em junho de 1924. Na ocasião alugaram uma casa em São Cristóvão onde também inauguraram o primeiro salão de cultos das Assembleias de Deus no estado do Rio de Janeiro. Nesse período Frida, Vingren exerceu trabalho de evangelização, pregação, ensino, abertura de novos pontos de culto, dirigia a Escola Dominical, tocava órgão,

¹³ ARAÚJO, Isael de. *100 Acontecimentos que Marcaram a História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p.38.

violão; enfim, executava um intenso trabalho na igreja. Frida também escrevia para *Lições Bíblicas*, ao passo que em mais de cem anos de Assembleias de Deus, foi a única mulher comentarista dessas lições; além disso Frida foi autora de 24 hinos da *Harpa Cristã*. Em 1926 Gunnar Vingren separou ao cargo de diaconisa uma mulher chamada Emília Costa, o que pode ter acontecido por influência de Frida; essa atitude de Gunnar Vingren desagradou pastores assembleianos.

Em 1929 Gunnar Vingren criou o jornal *Som Alegre*, de modo que em sua primeira edição foi feita uma tiragem de 2,2 mil exemplares. Nesse jornal Frida atuava como redatora-chefe bem como escrevia vários artigos. No ano de 1930 o *Som Alegre* foi extinto e criado o jornal *Mensageiro da Paz*, no qual também teve intensa participação de Frida tanto na redação como em artigos. Poderíamos afirmar que Frida Vingren é também a pioneira da imprensa pentecostal brasileira, em razão de seus trabalhos à frente dos jornais das Assembleias de Deus. Todavia, em nenhum lugar da história oficial há algum tipo de menção desse nível à Frida.

Apesar desse intenso trabalho desenvolvido por ela, sua história é quase inexistente nas Assembleias de Deus. É apenas em 2004 que um autor das Assembleias de Deus, Silas Daniel, certo destaque à atuação de Frida Vingren:

A lavra da irmã Frida foi uma das mais profícuas da história das Assembleias de Deus. Ela é autora de hinos belíssimos da *Harpa Cristã* e foi a única mulher a escrever comentários da revista de Escola Dominical *Lições Bíblicas*. Foi também uma colaboradora efetiva do jornal *Mensageiro da Paz* em seus primeiros anos, com artigos e poesias edificantes. Mesmo aqueles que criticam a sua presença no jornal (seu marido a incentivava, não por nepotismo, mas por Frida ser notoriamente talentosa) eram unânimes em reconhecer que ela era vocacionada para aquele trabalho e uma das mais bem preparadas missionárias evangélicas que já pisaram em solo brasileiro. Sabe-se que a irmã Frida Vingren também se destacava muito na obra pela sua atuação em várias outras áreas. Ela era extremamente atuante. Quando Gunnar Vingren não podia dirigir os cultos na igreja de São Cristóvão devido às suas muitas enfermidades, quem os dirigia era sua esposa.¹⁴

Com relação ao ministério de Frida, Gunnar Vingren disse (1982, p. 56) que “durante a minha enfermidade, a minha esposa, junto com os obreiros da Igreja, tem assumido a responsabilidade pela obra”. Percebe-se pelas palavras de Gunnar Vingren que sua mulher pastoreava a igreja nas ocasiões em que ele esteve doente; ou seja, Frida ocupou a função de “pastora-presidente”. Essa intensa atuação de Frida nas Assembleias de Deus, causou incômodo, principalmente entre os pastores brasileiros e os pastores suecos que atuavam no Brasil; desses, o maior opositor ao ministério de Frida foi o sueco

¹⁴ DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 34.

Samuel Nystrom. Quanto a isso Gunnar Vingren disse que “Samuel Nystrom chegou do Pará. Não se humilhou. Sustenta que a mulher não pode pregar nem ensinar, só testificar. Disse mais que provavelmente vai embora do Brasil”.¹⁵ Tal impasse gerou conflitos entre os dois pastores, pois, segundo Gunnar Vingren,

Chegaram Samuel, Simon e Daniel. Samuel não se humilhou. Separamo-nos em paz, mas para não trabalhar mais juntos, nem com jornal ou nas escolas bíblicas, até o Senhor nos unir. Simon disse que ficava de fora, e Daniel tinha convidado Samuel a trabalhar em São Paulo. Assim, disse para ele: ‘Estamos separados’.¹⁶

Vingren procurou mais uma vez Nystrom para tentar resolver a questão, mas Nystrom continuou irredutível quanto ao ministério feminino, pois Vingren diz (1982, p.67) “Samuel Nystrom chegou do Pará. Está indo para São Paulo. Ele não tem mudado de opinião concernente à mulher. Disse que não é bíblico a mulher pregar, ensinar e doutrinar”. Por fim, Gunnar Vingren escreveu uma última carta à Nystrom a fim de tentar convencê-lo a respeito do papel da mulher na igreja

Eu mesmo fui salvo por uma irmã evangelista que veio visitar e realizar cultos na povoação de Borcka, Smaland, Suécia, há quase trinta anos. Depois veio uma irmã dos Estados Unidos e me instruiu sobre o batismo no Espírito Santo. Também quem orou por mim para que eu recebesse a promessa foram as irmãs. Eu creio que Deus vai fazer uma obra maravilhosa neste país. Porém, com o nosso modo de agir, podemos impedi-la. Para não impedi-la, devemos dar plena liberdade ao Espírito Santo para operar como ele quiser.¹⁷

Em setembro de 1930, aconteceu na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, a primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus. Um dos principais motivos para a convocação dessa reunião de pastores era para tratar exatamente do ministério feminino na igreja. No final das discussões entre os convencionais ficou decidido que a mulher não poderia exercer ministério pastoral. Portanto, Frida foi proibida de pregar e ensinar na igreja; no entanto, ela continuou sua atuação como redatora do jornal Mensageiro da Paz e usou aquele espaço para se manifestar contra as decisões que restringiam o ministério feminino. Cinco meses depois da primeira Convenção Geral, Frida escreveu um texto chamado de “Deus mobilizando suas tropas”

“Despertemo-nos, para atender o chamado do Rei, alistando-nos nas suas fileiras. As irmãs das “assembleias de Deus”, que igualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se que precisam fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. Sim,

¹⁵ VINGREN, Gunnar. *Diário de um Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. p.58.

¹⁶ VINGREN, 1982, p.60.

¹⁷ VINGREN, 1982, p.78.

podem também, quando chamadas pelo Espírito Santo, sair e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, país pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existem um grande número de irmãs evangelistas, que saem por toda parte anunciando o Evangelho, entrando em lugares novos e trabalhando exclusivamente no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, aonde há uma porta aberta. (Os que estiveram na convenção em Natal e ouviram o pastor Lewi Pethrus falar desse assunto sabem que é verdade). Por qual razão, as irmãs brasileiras não de ficar atrasadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer? Creio que não. Será falta de coragem? Na “parada das tropas” a qual teve lugar aqui no Rio, depois da revolução, tomou também parte, um batalhão de moças do estado de Minas Gerais, as quais tinha se alistado para a luta.¹⁸

Sendo assim, parece que Frida Vingren não aceitou de maneira passiva a proibição, mas Frida já reivindicava espaços de atuação das mulheres. Percebe-se mediante seu discurso acima, que Frida estava a par dos acontecimentos nacionais, pois ela cita a “revolução” que ocorrera no Rio de Janeiro no começo da década de 1930. Mas de onde vinha a inspiração de Frida para sua postura tão “moderna”? Uma das inspiradoras de Frida pode ter sido a pregadora norte-americana Aimee Semple McPherson (1890-1944)¹⁹.

Em mais um artigo publicado no Jornal *Mensageiro da Paz*, Frida diz que

Muitos pensam que é consagração que faz o pastor. É um erro – esta é apenas uma confirmação de Deus, e um auxílio, diante da lei social, poder exercer as funções de um ministro do Evangelho. É preferível, então, ter a realidade sem os títulos. O verdadeiro pastor nunca é ‘dirigente’ em absoluto. Ele tem o Espírito Santo como dirigente, e não como ‘auxiliar’.²⁰

Esse sentimento de inconformismo de Frida não é registrado na história oficial das Assembleias de Deus, pois desde então as mulheres ocupam um papel secundário no ministério eclesiástico. Os registros na historiografia oficial a respeito de Frida tendem a destacar o papel que ela desempenhou como boa mãe, boa esposa e auxiliadora do ministério do marido.

Na Convenção Geral de 1983 o ministério feminino foi mais uma vez discutido, de modo que à ordenação de mulheres ao ministério pastoral foi rejeitado por unanimidade. A última vez que o assunto foi novamente discutido foi na Convenção Geral realizada em Brasília em 2001, sendo que mais uma vez foi mantida a proibição ao

¹⁸ MP 1º de fevereiro de 1931. p.6.

¹⁹ Alencar levanta essa hipótese. Segundo ele a fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular foi uma inspiração para Frida Vingren (ALENCAR, Gedeon. *Religiões em Diálogo*. São Paulo. 2009 – Católicas pelo direito de decidir. p. 69-85. p.78).

²⁰ *Mensageiro da Paz*, ano I, no. 4, p. 3, 15/12/1931

pastorado feminino. No entanto, desde seu início as Assembleias de Deus sempre tiveram uma forte presença feminina entre seus membros.

Em 1932 a família Vingren decidiu retornar para a Suécia, tendo vista que os problemas de saúde de Gunnar Vingren se agravaram, possivelmente em razão do desgaste ocasionado pelas discussões a respeito do ministério de sua mulher. O pastor Samuel Nystrom substituiu Vingren na liderança das Assembleias de Deus no Rio de Janeiro. Em 1933 Gunnar Vingren morreu e, Frida ficou sozinha com seus cinco filhos (inicialmente tinha seis filhos, mas uma menina morreu quando ainda estavam no Rio de Janeiro).

Depois da morte do marido Frida tentou voltar para o Brasil, onde havia dedicado quinze anos de sua vida; entretanto a igreja Filadélfia não permitiu que ela voltasse. Então ela decidiu que voltaria por conta própria e, quando estava com as crianças na estação do trem foi impedida de embarcar por membros da igreja Filadélfia. Em seguida, foi levada para delegacia e por fim foi internada de maneira compulsória no *Hospital Psiquiátrico Konradsberg* em dezembro de 1934. Sem os filhos e internada nesse hospital passou seis anos com graves crises de alucinação até que veio a óbito em setembro de 1940. Sendo assim, uma das figuras mais importantes da história das Assembleias de Deus terminou seus dias num quase completo esquecimento, internada como louca no hospital psiquiátrico.²¹

Mas qual é a razão de Frida e outras mulheres serem quase inexistentes nos processos de memorização religiosa nos grupos pentecostais? Talvez porque elas não se enquadrem nos formatos constituidores da identidade. Excluí-las garantiria a tradição “intacta”.

Legitimação e Deslegitimação

Uma das tarefas da memória religiosa/funcional é a legitimação, tendo em vista seu desejo de manter a memória oficial. Essa memória legitimadora tem, ao lado de uma face retrospectiva, sobretudo na forma de genealogias, já que o poder dominante tem necessidade de explicar sua própria origem. Mas memória legitimadora também tem um lado prospectivo relacionado ao presente de manutenção da tradição. Esses processos também preservam as estruturas de dominação e outras formas de violência simbólica.

Além de uma memória *do* grupo, poderíamos também falar de memória (s) *no* grupo? Pois no mesmo grupo podemos ter uma contramemória inoficial que se apresenta como memória funcional criticamente subversiva. Essa contramemória e contrarecordação resultam numa tentativa de deslegitimação. Todavia, essa deslegitimação não seria tão política quanto à recordação oficial, já que nos dois casos se

²¹ ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus: Teorização; História e Tipologia*. 2013. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2013. p. 140.

trata de legitimação do poder? A recordação que se seleciona e conserva nesse caso e presta-se a dar fundamentação à derrubada das relações de poder ora vigentes. Talvez fosse necessária uma reorganização da memória religiosa no pentecostalismo, onde as memórias subalternas de mulheres, negros entre outros também constituíssem a memória oficial.

Considerações finais

A memória religiosa é um campo de disputa e tensões. Os portadores da memória oficial do grupo religioso lutam para reproduzir e manter a tradição, o que segundo eles é determinante para a conservação de sua identidade. Entretanto, os grupos religiosos não estão imunes às dinâmicas sociais, de modo que as adaptações são necessárias à subsistência do grupo.

Como pudemos observar memória religiosa do pentecostalismo brasileiro pensa o ministério pastoral a partir das origens ligadas aos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Sendo assim, os elementos do passado são resignificados a fim de legitimar a identidade pentecostal brasileira marcada pela liderança masculina. Entretanto, em alguns ramos do pentecostalismo, já se observa uma reorganização da memória no sentido de pensar o ministério pastoral também a partir da atuação das mulheres.

Referências

ALENCAR, Gedeon. *Religiões em Diálogo*. São Paulo. 2009 – Católicas pelo direito de decidir.

_____. *Assembleias de Deus: Teorização; História e Tipologia*. 2013. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2013.

ARAÚJO, Isael de. *100 Acontecimentos que Marcaram a História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

_____. *100 Mulheres que Fizeram a História das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. 2007.

ASSMANN, Aleida. *Espaços de Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural*, São Paulo: Editora Unicamp, 2011.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Campinas: Unicamp 1949.

Mensageiro da Paz. 1º de fevereiro de 1931. Ano 1 – nº3, p.6.

NORA, Pierre. *Entre História e Memória*. Berlim: [s.n.], 1990, p. 12.

OLIVEIRA, Joanyr. *As Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. Religião e Tradição a Partir da Sociologia da Memória De Maurice Halbwachs. *Revista Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião: Juiz de Fora*, v 3, n.1, p. 69-94, 2000. Disponível em: <<http://ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/864/749>>. Acesso em: 20 out. 2013.

VINGREN, Gunnar. *Diário de um Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

[Recebido em: novembro 2013

Aceito em: abril de 2014]